

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 3 de Maio -- 1928

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

102

sempre

IXE semanário
humorístico



6-Avença
Ex.º Sr.
Kol de Alvarenga
Rua Brito Capelo, 547

MATOZINHOS

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57



CHARLSTONMANIA — Para dançar o Charleston doves dar malo movimento ás pernas e fazer de conta que estás lavando a louça com os pés



Os ditos da semana



"Nãõ ha direito"

Desde ha muito que em Lisboa ha um pessimo defeito: chega até nós um sugeito e logo, mostrando *prõa*, diz-nos de tudo e á tãõ *nãõ ha direito*.

Quando é mole a Ditadura ou quando ela é de respeito, quando o jornal tem censura, o homem nãõ tem preceito e a mulher toda é pintura, *nãõ ha direito*.

Se anmentam os alugueis das casas, sem mais preceito; se se fala nos Paineis ou se o Ferro, insatisfeito, faz as criticas crueis... *nãõ ha direito*.

Se em salvaçãõ nacional o desconto nãõ é feito entre todos, por igual... *nãõ ha direito*

Sobe o vinho nas tabernas, sobe a falta de respeito, sobem as pautas internas, sobe a saia pelas pernas... *nãõ ha direito*.

Desce a graça nas Revistas, desce o decõte no peito, descem ao «nu» as artistas, descem os integralistas... *nãõ ha direito*.

E n'uma insistencia louca por mostrar o seu despeito, ha certa gente, e nãõ pouca, que só diz, quando abre a boca *nãõ ha direito*.

Porem, a fatalidade produzindo o seu efeito veio dar-lhe realidade e hoje, a frase, tem conceito: suprimiu-se a Faculdade e agora, sim, é verdade... *nãõ ha Direito*.

João Triste.

Primavera falhada

O Borda d'Agua disse, e nós aucreditámos, que tinha chegado a Primavera. As andorinhas, que tambem se regulam pela prestimosa publicação, acreditaram igualmente e vieram ao engano.

Vieram sem agasalhos, contando com um sol caricioso, e com as tepidas aragens que costumam constituir a corte da princeza encantada que veste os galhos de flores e veste á gente os sobretudos.

E a Primavera nãõ aparece. Dela ninguem dá fê. Se veiu realmente, mandaram-na para as colonias que são parte quente.

A chuva alaga tudo, mas é uma chuva miudinha de mo-lha tolos, mansa mas persistente, quando o que se precisava é duma chuva rapida, pezada, fulminante, de picaretas.

O sr. Carlos Pereira da Companhia das Aguas anda radiante. Sente-se como nunca ditador das ditas, feliz, por vêr que tem ao seu serviço o proprio Padre Eterno, porque quando chove o sr. Carlos Pereira techa a torneira da agua e da eloquencia. Ninguem se queixa e folgam as costas e a lingua. Gasta menos cuspo.

As proprias arvores rebentam a custo. Falta-lhes o sol creador.

Coisas do arco da velha que faz a patifa da Primavera.

A cidade de Fatima

Fatima vai embelezar-se. Fatima vai alargar-se pelos campos fóra, civilizar-se, deixando de ser um escalracho para se transformar numa cidade moderna, com ruas e avenidas, como convem, para que os milagres sejam mais perfeitos.

Os emprezarios dos milagres confiam nas virtudes da Senhora de Fatima mas confiam tambem nos encantos terrenos para atrair os crentes e os forasteiros.

Nossa Senhora vivia num tugurio e deu o seu filho á luz num miserrimo estabulo de Belem, mas os tempos agora são outros. Já nãõ ha reis magos que andem dias e dias, escarranchados em cima dum camelo, sujeitando-se a todas as intemperies do deserto, sem a certeza de que, no fim da longa jornada, vão encontrar um leito confortavel num hotel de primeira classe, reco-

mandado pela Propaganda de Portugal.

Noutros tempos, bastava uma fé ardente para arrastar multidões de crentes até ás ermidades modestas do alto das serras, ferindo os pés nas urzes dos caminhos, mas sentindo nascer-lhes lá dentro um clarão de graça divina. Hoje nãõ se compreende a agua miraculosa, sem agua das Pedras Salgadas na meza do hotel e sem um bom *maple* para fazer o quilo e elevar a alma a Deus.

A religiãõ aliou-se com a sciencia e, posto de lado o camelo, opta-se pelo cavalo H. P. dum *Rolls-Royer*.

Fátima sabe ser do seu tempo. Fatima consegue participar do ceu e de Biarritz. Fatima tem já hoje um *apoderado* para que haja um intermediario entre o ceu e a terra

Alimento por fricções

Ha anos, appareceu o sr. Voronoff que, enxertando n'um corpo cançado pelos anos, glandulas de macaco, conseguiu dar a um velho a apparencia e vigor d'um moço de vinte primaveras.

Agora, surge um medico vienense que descobriu o processo de alimentar uma pessoa por meio de fricções, até ao ponto de conseguir por esse methodo augmentos de peso que chegam a 300 gramas por dia.

V. Ex.^{as} estão a vêr o processo: umas fricçõesinhas dadas a preceito, e a gente engorda a tal ponto que, Chaby ao pé de nós, será o actor mais magro deste mundo.

Quanto a nós, porém, o novo methodo de alimentação, só será applicavel aos homens.

Quanto ás mulheres, elas engordam... mesmo sem fricções.

Lei de imprensa

Do sr. Francisco de Paula Parreira recebemos um artigo intitulado *As manias do Parreira* que, como o leitor verá, é publicado á sombra da Lei de imprensa. Do mesmo sr. recebemos outro artigo com o pseudonimo Barrote Parreira, que se encontra á disposiçãõ do seu auctor porque o nãõ publicamos.

Os colaboradores do *Sempre Fixe* escolhemo-las nós entre as pessoas que julgamos ter alguma graça.

O *Fixe* nãõ cai, mesmo sem um Barrote.



Pedro Franklin de Almeida Lima, diplomata, jornalista elegantissimo (visto pelo caricaturista brasileiro Fox)

As manias do Parreira

que veio ao mundo para arrelia do Quintela...

Para ser publicado no Fize de 3 de Maio de 1928, d'acôrdo com a Lei de Imprensa:

«O Rebate» de 27 de Abril findo noticiava em grosso normando uma «Scena de pugilato» havida á porta da «Brasileira do Chiado» entre o cronista do «Fixe», Mario Quintela, e Francisco Parreira, do Conselho Superior de Finanças, por este se ter julgado ofendido pelo segundo, numa «Blague» que ia degenerando em tragedia, atendendo a sofrer da «Bola» o Barrote, que não zurrando... Camões, achou forte.

Ora tal noticia carece de fundamento, porquanto o Barrote Parreira apenas quiz deixar de zurrar e servir-se das patas para aplicar ao Blagueur a receita que os Asnos aplicam a quem lhe toca na barriga, quando comem, e no rabo, quando lh'o puxam...

O Quintela, quando viu o Olho da Sabedoria em jogo, com o seu olhar de Lynce, segurando no braço esquerdo do Barrote, que com o direito batia forte... no Constantino Mendes (o Norte) que veio em seu socorro, abrigou-se no Café e exclamou!

«Bater-me com o Parreira... não vou nesse bote, porque é rijo, batendo forte... (Boxeur). E o Arnaldo Barrote, presignando-se, como catolico que é, erguendo os olhos ao alto, disse:—parodiando Camões, fecho do Canto I—

«Se indigne o Céu sereno
«Contra um dicheo da terra tão pequeno
e servindo-se do Frade José Agostinho, declamou:

«Sempre oh Quintela as satyras serviram
«Para darem nome eterno e fama a um tólo;

E, lá se foi o bom do Parreira, asobiando a «Aria do Revivalho» que quando vier: mandará o Mario Quintela, Secretariar o poeta Ribeiro de Carvalho, na pasta do Trabalho, parando na «Brasileira do Rossio» por na do Chiado, lhe terem embarcado a entrada o Porteiro Lourenço, e de parceria com o outro da sua força o poeta Campos Ferreira, a proposito do sucedido, recitou a Estancia 34 do Canto X (de Camões) com subscripto ao Quintela:

«Qual o touro cioso, que se ensafa
Para a crua peleja, os cornos tenta
No tronco d'hum carvalho, ou alta fala,
E o ar ferindo, as forças experimenta;

Lx.º 30-4-928.

Arnaldo Barrote Parreira, por conta do Quintela e propriamente Francisco de Paula Peniz Parreira, cartão d'identidade n.º 66-948 do Conselho Superior de Finanças—de 1.º Contador.—

Nota

Se não fór feita a publicação, requererá na Boa-Hora, a suspensão do «Fixe» e pagarão de multa os 500 escudos da ordem, para o que já tenho advogado falado.

Francisco de Paula Peniz Parreira.

Não admite nada truncado para o que fiquei com uma copia e sendo: mandarei novo comunicado até que seja feita Justiça de Fafe... que neste caso, serei eu o Juiz, atendendo a ter o Quintela amigos nos jornais e ser difficil publicar a resposta neles, mas se quizer publicá-la ei em separata á minha custa, depois de me inteirar á fundo da pessoa do sr. Quintela.

F. Parreira.



—Olça lá, lavadeira, de 24 lenços que eu tinha, só me restam 19.
—Pois claro. O senhor não sabe que as lavagens fazem encolher a roupa?

Distracções

de João Lagarto

Leão Lagarto, ultimamente, um pouco pelo prazer de fazer a sua traição-sinha, em segredo, á D. Pulqueria, um pouco pelo intuito de se distrair das suas sucessivas distracções, vinha mantendo um platonico idillio com uma guapa espanhola, bailarina do Foz.

Hesitava, comtudo, em passar do platonismo esteril dos olhares expressivos, sentimentais como burro, com que a esperava ás tardes, na sua ascensão da calçada da Gloria, a caminho da *matinée*, — á deliciosa realidade dum abraço pecaminoso, no socego de um gabinete reservado, em frente duma salada de lagosta... Eis senão quando, um artigo inflamado de jornal, que preconizava as incontestaveis vantagens da união iberica, o decidiu, resolutivo, dissipando-lhe toda a sombra de remorso, antes até insuflando-lhe a certeza de que ia assim cometer um feito patriótico, de que ia, dessa fórma, contribuir com a sua cota parte para a intima aproximação das nações da península.

Consumou-se o pecado e já duravam quinze dias as ibericas relações, já D. Pulqueria começava a estranhar em demasia o procedimento de seu esposo, que já não parecia homem, nem Leão, nem Lagarto, quando um acontecimento inesperado e imprevisto se encarregou de trazer aquele lar á antiga normalidade, deitando por terra com um fragor de vendaval todo o grandioso sonho peninsular do nosso Leão.

Foi o caso que, em certo domingo de triste memoria, tendo Leão resolvido passar a noite em doce colloquio com a espanhola, escreveu-lhe uma carta nesse sentido, marcando-lhe um *rendez-vous* para as 8 horas, no Leão d'Ouro, escrevendo em seguida outra á sua consorte, em que pedia que não o esperasse tão cedo nessa noite, porque tinha de deitar uns canos numas botas pretas de montar, urgentes.

Até aqui tudo correu pelo melhor. O diabo foi que, quando chegou a altura de sobrescritar as cartas, distraído como sempre, Leão Lagarto meteu o bilhete para a espanhola no envelope de sua mulher e o bilhete de sua mulher no envelope da espanhola.

A's 8, já Leão estava á porta do restaurante, ansioso pela chegada de sua hermosa. Vinha de dentro um cheirinho celestial de complicados pitéus, — e Leão Lagarto já sentia a lingua em cabriolas desvairadas de clown na arena da sua bôca (com perdão do sr. Antonio Ferro), ante vendo a delicia de, em amoroso idillio, saborear, alternadamente, ora o belo robalo á portuguesa, ora a divina ameijoia á espanhola...

—Ah! Lagarto! Meu Lagartinho! exclamou, de subito, uma voz junto de si, enquanto dois braços lhe tomavam o pescoço.—Que rica ideia tiveste em nos trazer hoje a jantar ao restaurante! E's um amigo, Lagarto!

E, de facto, o infeliz Leão, olhando, estupefacto, a sua cara metade e a numerosa prole que em volta de si já lançava cubigosos olhares para os belos petiscos expostos nas montras, —de facto, o infeliz Leão, dizia eu, se não era um anjo, era, pelo menos, um homem com imensa pena de não ter azas!

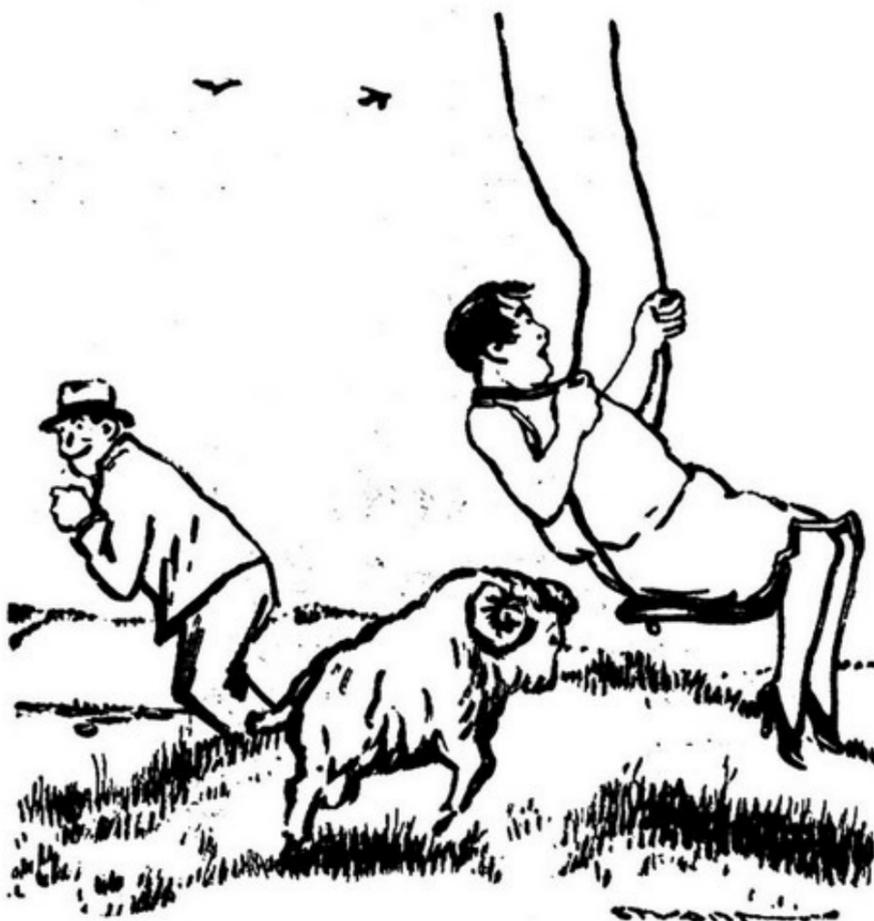
E tão atónito estava, mudo e quêdo, que foi necessario D. Pulqueria, já de dentro do restaurante, bradar-lhe:

—Anda, Leão!

Como logico e consequente remate, devemos dizer que, ao outro dia, quando Leão foi visitar o seu derricho (que nunca o supozera um sapateiro), foi posto na rua, a chinelo, debaixo duma tempestade de maldições, que caíam como raios sobre a sua cabeça, a de su padre, a de su madre e de toda su familia!

Desgostoso com a vida, atormentada constantemente por tal pécha, Leão Lagarto decidiu matar-se. E á meia-noite de ontem, quando toda a familia dormia, numa heroica resolução, sentou-se á secretária, pôs a pistola ao lado e escreveu uma carta de despedida... o ultimo adeus a D. Pulqueria...

Terminou, assinou, fez o endereço e, levantando-se, de pistola em punho, magnifico de sacrificio, deu um tiro na folha de papel e meteu-se no envelope...



—Não empurres assim com tanta força, bruto.

PROSA DE CHA VELHO

Raptar

«In illo tempore» raptava-se. Já lá vão tantos anos que é natural que ninguém se lembre o que era isto de raptar e convinha recordá-lo.

Começava pelo repto duma menina casadoira a um jovem casavel, seguido de habeis manobras da familia, a fingir que se opunha e provocando o raptar, que terminava afinal por ratar a liberdade do jovem para o resto da vida, deixando-o amarrado ao matrimonio forçado.

A guerra, com todas as suas terriveis consequencias, vetu acabar com este aparentemente romantico processo de levar homens ao casamento.

E hoje está esquecido isto do raptar.

Ora acontece que os jornais da manhã noticiam terem sido raptadas três interessantes alemãs que trabalhavam num circo provinciano.

Se o director não tivesse apresentado queixa ás autoridades, suspellaríamos que se tratasse dum processo de publicidade, aproveitando o velho tema do raptar.

Assim, sômos obrigados a acreditar num caso atávico e a registar que «Erna Schroden, Hedvig Schochon e Hilda Kohl, de 18 anos cada, se meteram num automovel e desapareceram com um individuo cuja identidade se ignora».

Diz-se que «o caso provocou verdadeira sensação na provincia».

Na provincia e na Europa, acrescentamos nós, porque isto de haver um portuguezinho valente que em 1928 se atreve a raptar três interessantes alemãs, de 18 anos cada, é para causar verdadeira sensação em qualquer parte do mundo.

Dizem os jornais que findou na Haia o Congresso Internacional das Linguas Moribundas, areopago selecto de poliglottas, que deliberou: fazer reviver as linguas incultas; fundar a «Revista Internacional da linguistica experimental»; empregar a fotografia e os discos fonograficos na sua propaganda; fundar o «Arquivo Mundial da Voz»; interessar a Sociedade das Nações na sua obra de ressurreição e de aperfeiçoamento dos idiomas em desuso, etc.

As linguas apotadas no Congresso foram: o «fintco», o «basco», o «simerico» e os idiomas camito» e africanos.

O professor italiano Trombetti falou em etrusco e o dr. Hrozny em «heteo».

Achamos bem que se trate das linguas moribundas e que se façam reviver as incultas, fundando a linguistica experimental, ainda que achassemos escandaloso empregar a fotografia e o fonografo na sua propaganda.

Mas o melhor deve ter sido o professor italiano Trombetti (que supomos um italiano professor de orquestra e trombeta) falando em etrusco e o dr. Hrozny (que nome mais hrobnorico) a responder-lhe em heteo!

O Congresso de 1929 será em Paris e merece a pena ir assistir á linguistica experimental e á Torre de Babel dos discursos em fintco, basco, sumerico, semitico, africano e camito (realmente nada melhor para a linguistica experimental que uma camita).



—O senhor não acha ridiculas as danças modernas?
—Eu não. Não sabe que sou sapateiro.



A voz de Nossa Senhora

Paulino habitava numa aldeia visinha das Caldas, onde era muito popular pelas suas invulgares qualidades e pelas suas crenças em Deus. Estava sempre pronto a servir o seu amigo, a ajudar á missa na falta do sacristão, e era por isso tido como um pobre diabo.

Um dia, quando o sacristão começava a limpeza dos santos, foi encontrar Paulino todo cheio de sangue, horrivelmente ferido, estirado no chão, debaixo do côro. Aos gritos do sacristão, acorreu todo o povo. Mandaram chamar o medico enquanto lhe burrifavam a cara com agua fria, tentando reanimá-lo.

O medico, depois de grandes esforços, conseguiu fazê-lo voltar a si, apesar dos circunstantes afirmarem que ele estava morto, entregando-se por isso ás mais mirabolantes conjecturas acerca das causas da sua morte.

Paulino, já de todo reanimado, foi objecto dum chuveiro de perguntas e, entre a atenção geral, comovidamente contou:

— Eu estava empoleirado no gradeamento do côro, vendo a talha dourada do tecto, que é muito bonita, mas, de repente, ouvi a voz de Nossa Senhora dizer:

«— Paulino, atira-te daí abaixo! «Eu não hesitei. Atirei-me, mas, quando já vinha no ar, ouvi novamente a voz de Nossa Senhora:

«— Paulino, não vale a pena, não te atires!

«Eu já não podia voltar para traz...

Pena de Talião

O sr. X., que é viuvo, casou ha 15 dias sua filha com um official do nosso exercito, casamento muito do seu gosto e por ocasião do qual, alargando os cordões á bolsa, gastou alguns contos de réis e deu á noiva um opulentissimo dote.

Um destes dias, pelas 7 horas da manhã, apresentou-se em casa do nosso homem a recém-casada que, no meio de abundantes lagrimas, lhe participou que seu marido, um tirano, acabava de dar-lhe um enorme bofetada, em seguida a uma simples questão domestica.

— Uma bofetada?!—exclama o pai, indignado. A mais mortal afronta!... Preciso vingar-me!... E em qual das faces te bateu o teu infame marido? — pergunta o sr. X, com o rosto afofo de coiera.

— Na face esquerda, meu pai.— responde, soluçando, a filha.

— Ah, sim!... Pois espera.

E, bruscamente, pespega na face direita da infeliz menina o maior bofetão de que ha memoria, dizendo:

— Vai, minha filha, torna para casa de teu marido e diz-lhe que me sinto satisfeito pela vingança que tomei do seu insolito procedimento; pois se ele bateu em minha filha, eu bati em sua mulher!...



— Sr. prior, no seu jornal *Folha Pa-roquial*, anunciava-se ontem o meu falecimento.

— Não tem duvida. Temos muito tempo. Quer o senhor o enterro para amanhã?

A unica aventura de Eugenio Santana

Eugenio Santana escrevia sempre, no final das suas cartas, as palavras «atento e venerador». Escrevia-as, não por simples formalidade, mas por corresponderem á altitude que assumira, na vida, quasi desde o seu nascimento.

Não havia, de facto, em todo o Universo, incluindo a Patagonia e a republica de Andorra, pessoa mais respeitadora. Em criança, antes do alvorecer da sua razão, obedecia á ama, cegamente. Conhecia o seu busto, por instinto e sem abrir os olhos facilitava-lhe a missão que aquela serva desempenhava, pouco tempo depois dele ter saído, choramingando dos braços experientes da sr.ª D. Leocadia da Madre de Deus, parteira diplomada pela Faculdade de Medicina de Lisboa. Mais tarde, obedeceu á professora. Depois, a varios patrões, até que o colocaram numa repartição de Estado e redigir circulares convidando os contribuintes relapsos a pagarem ao Estado o que este resolvera cobrar-lhes. Por seus pais, a obediencia não conhecia limites. Se alguma vez o açoitaram ou repreenderam, foi por tomar á risca certas recomendações que lhe faziam, apenas para o atemorizarem.

Casou, em obediencia ao principio conservador que afirma e demonstra ser a familia «a base da sociedade». E Eugenio Santana «baseou-se». Foi infeliz e, quando lhe aconselharam o divorcio,olveu, baixando a cabeça, resignado:

«— A Igreja proibe o divorcio e, como catolico, o meu dever é obedecer-lhe.»

Pois, Eugenio Santana, a obediencia feita carne, feita osso, feita espirito, esteve, ha anos, preso e incomunicavel durante oito dias, sob a accusação, bastante grave, de estar envolvido numa conspiração, destinada, como o são de resto todas as conspirações, a deitar abaixo o governo.

Como foi possível que este homem, ou melhor, este Engenio Santana, apparecesse repentinamente envolvido numa gravissima conspiração politica?

A desgraça aconteceu a uma quinta-feira. 1/2 hora do jantar, sua mulher entregou-lhe uma caixa de papelão que um moço de fretes deixara, horas antes, na sua residencia. Dela retirou o Santana, pleno de assombro e de medo, um pistolão de respeito e cem balas.

Sua mulher, a quem a presença de uma arma tão belica naquele lar tão pacifico provocara uma helariedade subita, carregou-a com duas balas e, apontando-a para o Santana, cujo medo assumira fantasticas proporções, gracejou:

— Vou chamar sobre ti a atenção da policia!

E chamou, porque a arma, disparando-se, provocou a invasão do lar

por um civico, que apreendeu a pistola e levou o Santana para a esquadra.

Santana chorou algumas horas no calabouço antes de escrever a dois amigos, sem omitir a sua consagrada fórmula «atento e venerador», confessando sua inocencia e sua desgraça.

Havia nesse tempo um policia quasi tão habil como o sr. Custodio das Dóres, que, em menos de dez horas, tinha encontrado em casa dos amigos do Santana duas pistolas identicas á do pobre diabo. (Aqui para nós, foram os proprios amigos do Santana que confessaram a existencia das armas, contando que elas lhes tinham sido enviadas por um moço de fretes).

O rival do sr. Custodio das Dóres conseguiu averiguar, servindo-se para isso igualmente das declarações dos dois presos, que havia em Lisboa um moço de fretes que conduzia anonima e gratuitamente pistolas aos domiciliados. Conseguiu ainda que o Santana confessasse que estava realmente envolvido numa tenebrosa conspiração. E, para corôa da sua argucia, por mero acaso, acabou por deitar a mão ao galego que distribuia as pistolas e saber, por meio das afirmações espontaneas do cidadão de Tuy, que só á sua parte levava a varios pontos da cidade 39 pistolas.

«Meu caro Santana:

«Os crédores abriram-me falencia, motivo porque resolvi, a fim de não perder todo o produto de 12 anos de actividade comercial, guardar em casa de alguns amigos, salvando-as assim da penhora, uma porção de pistolas. Convencido de que não recusarás o favor que te peço, recomendo-te o maior segredo. Dentro de alguns dias, mandarei buscar a arma.

Amigo certo,
Simplicio.

O director da policia dobrou, lentamente, a carta eolveu, sorridente, para o Santana:

— Este misterio das pistolas é, sem tirar nem pôr, um conto humoristico que li ha muitos anos. Unicamente o comerciante falido era, em vez de armelro, cangalheiro. Mas, o que é mais grave, é a sua confissão cheia de pormenores, que termina por esta amabilidade cativante e inedita em todas as declarações de presos: «atento e venerador». Para que confessou o senhor que estava metido numa conspiração revolucionaria?

— O sr. agente mandou e o meu dever é obedecer á autoridade—olveu o Santana, com o seu velho e desbotado sorriso de subserviencia.

— Desta vez vai em liberdade, mas nunca mais se meta a ser revolucionario por obediencia, sr. Eugenio Santana, «atento e venerador»?...

C. L.

El fenomeno da Primavera...

Numa travessa, aonde a gente espera,
Existe um restaurante com o nome
Da formosa estação da Primavera.

Ali se mata a negregada fome
E se larga o miserissimo ordenado
Dado ao proprio cadaver que o consome.

Ali se junta um grupo celebrado,
Que transitou dos tempos impolutos
Das boas pingas e do belo fado.

Herdando a tradição do Farta-brutos,
Comem-se ali magnificos petiscos,
Optimos doces e preciosos frutos.

Os fregueses, porém, andam ariscos,
Porque um desenhador de certo caco
É que não tem os olhos nada piscos,

Descobriu que ha raça de macaco
Em quem na mesa põe a conta dura:

E p'ra o provar, eis a caricatura!

Um quarto... mal servido



Não tarda aí uma loja de barbeiro que esta simpatica secção, de falada que é, passe a ser muda como um gorás cosido com batatas. A vida está uma lastima e o cinema cada vez me dá mais desgostos. Quer-se graça... de graça, e não a ha, nem na Graça, ainda que a paguemos a peso de ouro ao mais engraçado Engracio. A pouca que se arranja, sabe Deus com que trabalhinho, é peneirada sem pena, comprimida e retalhada. Vem Pedro Bordalo e corta, porque é pesada; vem Alfredo França e corta, porque é comprida; vem Prata Dias e corta, porque tem piada a valer; vem cá o rapaz e corta, porque já não faz sentido. E, depois destes cortes todos, vêm os leitores e cortam... na casaca do autor, quando não sucede este ser obrigado a *cortar cavilha*, lá para as bandas do Tejo. Qualquer dia corta-se o mal pela raiz, passando a publicar as *Fitas Mudadas*, que é *cumié... e comme il pain*.

* * *

Esta semana, houve uma estreia que revolucionou o publico cinéfilo, cinéfobo, cinémamo, cinematofilo, cinematofobo, cinegético, cineástico, cineidecordes. Trata-se da *Hora Suprema*, que reuniu no São Luis a fina flor das artes, das literaturas, das sciencias, das aristocracias e das outras cracias, isto é: tudo aquilo a que alguém de espirito chamou «a razão de ser do Vasconcelos e Sá». E todos eles firmaram nas colunas do *Papá-Diario de Lisboa* a sua desassombrada opinião. Por falta de espaço, só agora saiem publicadas as seguintes:

«A *Hora Suprema* é a dita do São Luis Cine: ou vai ou racha!»—Dr. Ricardo Jorge.

«E' a *Hora* de esgotar as lotações e a *Suprema* alegria dos empresarios».—Jodo Ramos.

«A *Hora Suprema* é aquela maldita hora em que se inventaram as adaptações musicais».—Pedro Blanch.

«Quando se projectará a minha *Hora Suprema*?»—Antonio Ferro.

«A *Hora Suprema* é magnifica, por causa das legendas. O que seria a fita sem o Chico... á falta de *Chicuelo*!»—Rogelio Pérez.

«Vê-se logo que a *Hora Suprema* foi tirada duma peça de teatro. E' a melhor fita que não tenho visto».—Alvaro de Andrade.

«O sétimo céu é muito bom e a Janet Gaynor é muito boa».—Feliz Correia.

E de Alvaro Lima recebemos esta resposta ao nosso convite:

«Lamento não poder manifestar-me, nesta *Hora Suprema* de consternação, em que perdi o gato *Vadto*, tigre português, que tinha coleira e chocalho, mas não pagava imposto.»

* * *

Enquanto os pensamentos vão e vêm, folgam os outros salões:

No Tivoli não ha *Miltonarios* que valham ao *Homem do Metropolitano*, que é, naturalmente, um bocado escuro. Agora vai por lá uma *Fédora* muito incomodativa para o olfato.

Aproveitamos a ocasião para dizer ao publico que se abstenha de patear, pelo menos no segundo balcão; de contrario é posto fóra com uma limpeza e uma delicadeza modelares. Só são permitidas palmas e, essas mesmas, só dos camarotes para baixo. *Seu Pipocas!*

No Politeama, a coisa vai séria e— muito a sério— não é á falta duma serie de fitas boas... e sérias.

O Condes meteu-se com *Vaqueiros* para vêr se vem a leiteira que o torne *miltonario*, e o Central monopolizou ou, melhor, *metropolitou* a *Metropolis*, que continua vizado pela I. G. T., á falta de I. G. C.

Retardador.

NOTAS GRANDES
só o PINA se vende
75 - Rua de S. Paulo - 77

Uma resposta de sensação

Em todos os tempos e em todos os estabelecimentos de ensino, desde as primeiras letras até às ultimas, desde as aulas infantis até às Universidades, são os cabulas os que maior contingente de anedotas e de episódios humorísticos fornecem às varias gerações.

O que a seguir se transcreve é do tempo do liceu.

«Numa aula de sciencias é chamado um destes cabulas por temperamento, muito fertil em respostas de successo.

Como sempre, a sua perplexidade é tão completa como a sua ignorancia sobre a materia versada. E logo á primeira pergunta:—«Qual o aparelho que serve para fundir os metais nobres?», o rapaz fica azul, passando logo pelas varias gradações do arco-iris.

O professor insiste e ele, como sempre, com um olhar affetivo, apela para todos os colegas, afim de que lhe soprem alguma coisa, lhe dêem qualquer saída. De facto, alguns camaradas condoidos, começam em surdina á sucapa, dum lado e doufro, em voz baixa, soprando a resposta desejada:

—E' o maçarico... é o maçarico...

Mas a distancia é grande. E destas communicações feitas a meia voz, apenas chegam ligeiros sons dispersos, vagas reminiscencias, aos ouvidos do entaladissimo academico.

O professor, já pouco satisfeito com a demora, insiste ainda imperativo:

—Então, responde, qual o aparelho que serve para fundir os metais nobres?

O rapaz, em suor frio, e fazendo tremendos esforços auditivos, tem novos olhares comovedores, ansiosamente implorativos e os companheiros, dentro do maximo possivel, de sonoridade que as circunstancias permitem, em esgares vocais que procuram dar a ideia da palavra, continuam ciciando:

—Maçarico, maçarico...

Mas a comoção e a distancia, só deixam ouvir ao desgraçado, vagas resquícios da ambicionada palavra salvadora. E, perante o olhar já severo, quasi feroz, do mestre e um «então?» pouco tranquilizador, o rapaz, aturdido, confuso, embaraçado, responde numa decidida indecisão:

—E' assim uma especie de celórico...

A. C.

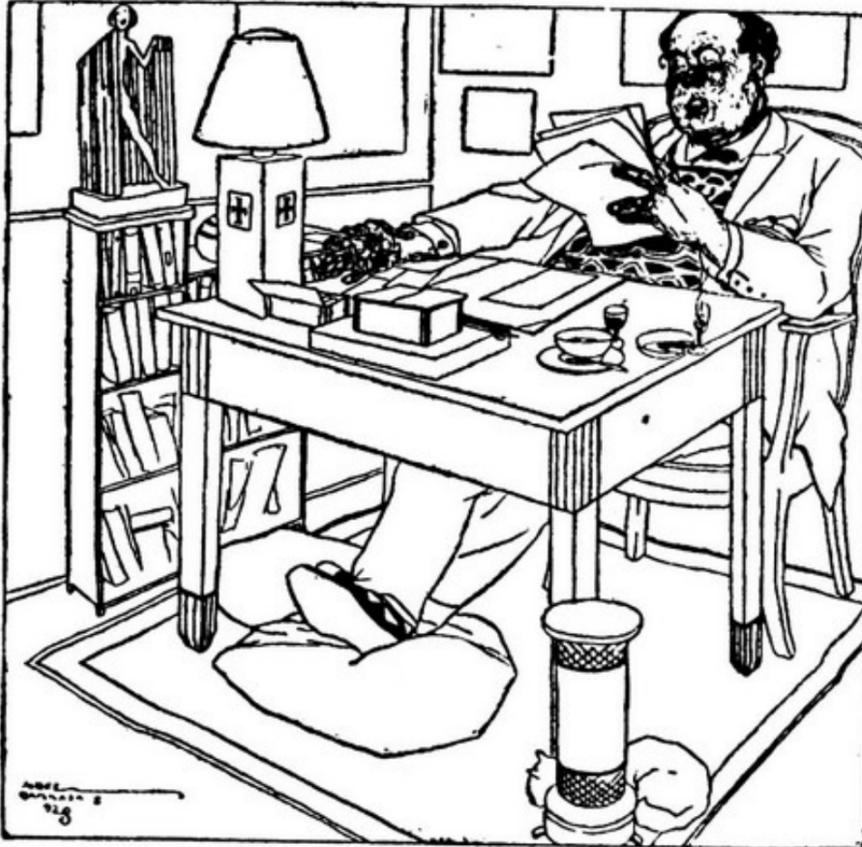


—Estou na ultima. Já não sei a quem hei de pedir dinheiro.

—Ah! respiro. Julguei que m'o ias pedir a mim.

AS MELHORES CEIAS
são as da PENINHA
Os melhores jantares ao domicilio
são os da PENINHA
67, Rua Pascoal de Melo, 69
Telefone Norte 5582 (4 Estalozia)

OS POETAS



—Palido, febril, vou definhando, consumido pela dor que me devora. Nada me aquece já, e o meu pobre corpo vencido, tomba fragil como um lírio.



—E heroico, forte, triunfante, arremessei-me victorioso. A multidão recuára atonita e confundida. Ah! minha bem amada! Nesse dia, sim, nesse dia fui enorme.

Lições de zoologia

A GALINHA

A Galinha é um mamifero que se encontra geralmente na capoeira. Para a adquirir basta um mez de ordenado e uma enorme paciencia para a esconder num electrico da carreira Rossio-Graça. O mamifero em questão tem a mania de se meter com o bicho-homem, resultando, por tal facto, haver muito individuo engalinhado.

Com o Galo, esposo da Galinha, succede quasi a mesma coisa. A Galinha não põe ovos de ouro, mas os que dá á luz são pagos em libras de cavallinho.

A forma mais pratica de matar uma Galinha é meter-lhe a cabeça debaixo dum comboio ou obrigá-la a ser inquilina, pagando o aluguer da capoeira. Neste ultimo caso a infeliz pega no *Diario do Governo* que traz a nova alteraçmo á Lei do Inquilinato e, finda a leitura do mesmo, morrerá vitima duma apoplexia fulminante.

Serve-se depois á mesa, não numa terrina, mas num caixão de chumbo.

Reix.

BOM HUMOR

Num grande armazem:
Ele: — Quería comprar um revolver.
O empregado: — Secção de artigos domesticos...

O patrão: — O que dizem os jornais da manhã?
A criada: — Nada de importancia... Houe apenas dois crimes, mas nem sequer foram de assassinio...

Ele: — Se te der um beijo, dirás a teu papá?
Ela: — Digo, sim, mas ele não está em casa...

Na livraria:
— Quería um livro bonito.
— Sim, minha senhora. Mas de que genero?
— Oh! um livro para pôr em cima duma mesa de sala...

Depois do desastre:
O policia: — O seu caso é muito grave, senhorita. Sou obrigado a retirar-lhe a carta de *chauffeuse*.
A joven: — Não pode ser, sr. policia, não a tenho.

Numa loja de chapéus:
— Mas é possivel que não tenha um chapéu á aviador?
— Nem um, minha senhora. Como a epoca dos vóos vai muito adiantada, esgotaram-se todos...

Ele: — Dormiste bem?
Ela: — Magnificamente. Sonhei que me tinhas comprado dois vestidos...

— Chego tarde. Introduza-me rapidamente na sala de baile.
— Não posso! Se abro a porta enquanto a senhora está cantando, metade dos convidados aproveitam a occasião a raspam-se...

No balcão dum estabelecimento:
— Avie-me. Estou aqui ha um quarto de hora.
O empregado: — E eu ha oito horas, minha senhora...

— Então tu estás lavando os pés com botas calçadas?
— Que queres. A agua está muito fria.

— Estás mais magro.
— Não admira. Não sabes que acabou a quaresma...



—Um verdadeiro abuso! Ontem levei uma pequena ao cine, comprei-lhe uma caixa de chocolates e ela guardou-a, dizendo que a conservaria como recordação.

—Foi uma delicadeza.
—Uma delicadeza? Ora adeus. Passei uma fome.

SALUSTIO

RESGATADO

Rogério Salustio Palma casara, havia três meses, com Zófima Quiteria, sua muito conhecida companheira, visto que, em boa companhia, tinham vivido durante quatro anos, sem que sombra de maior houvesse surgido no céo calmo da sua conjunção.

Mas, para que diabo havia o Palma casado com Zófima, sabendo, como claramente sabia, que todas as três irmãs Quiterias — Joaquina, Gertrudes e Carlota — apenas casadas, haviam enganado seus esposos com serena desenvoltura?...

— Não pode ser! — pensava Salustio. Eu sou daqueles que, como o epico, pode dizer que tem «o saber de experiencia feito». Nestas condições, sei o que digo e sei o que fiz. Experimentei, gostei e adoptei. Zofima é segura como um cêpo: — aquilo não muda!

Rogério era uma esplendida creatura, com os seus ares de filosofo e uma bondade a toda a prova; mas era gordo, mal enjorcado e tinha o maldito gosto da assorda de alho, que copiosamente e frequentemente comia e do que lhe resultavam flatulencias inoportunas e duma tal intensidade que tocavam as raias da pestilencia.

Quiteria constatava, com repugnancia crescente, o mau halito do esposo, ao passo que seguia, com singular interesse e progressiva simpatia, a figura estilizada de Acurcio Rocha, o do monoculo entalado, que se dizia velho amigo do Palma e se fizera assiduo frequentador da casa, á hora tarda do chá das 10.

Acurcio, velho ronha sem vergonha, ou visos de decencia moral no capitulo do «Sexto» do Sinal, rondava sem sombra de duvida as redondezas ainda frescalhotas de Zofima, atrevidota de ademanos provocantes, como quem não quiere a coisa.

Ora o que é facto é que, embora parecesse que Salustio era, de seu natural, confiante e bruto, Salustio era um finorio de alto lá com o «charuto», como dizia o padre Antonio Vieira, na sua linguagem de fumador emerito, depois da introdução na Europa da folha de couve com que, já a esse tempo, se fabricavam os monoplios «ad herbis».

Salustio era cioso da sua honra; mas Salustio era um grande politico — isto é: sabia disfarçar.

E, sentenciosamente, fingia adormecer, depois de jantar...

A pontos que, em dia de malaventura, Zofima Quiteria resolveu-se a ceder ás constantes tentações de Acurcio.

— Emfim! — pensava este, retorcen-

do os capilares superlabiais, ao penetrar em casa, luxuosa moradia de ricação sem gosto, que ele chamava, a miúdo, o «humilde tugurio» do poeta. — Emfim!...

Entretanto, Rogério anunciara á esposa que, tendo um importantissimo negocio de preciosas anilinas, de que se descobrira recentemente grandes jazigos em Marrocos, junto da zona espanhola, um pouco mais abaixo, via-se obrigado a partir em aeroplano para Dar-el-Missanga, a doze quilometros de Zar-a-Bum, donde, passados que fossem três dias, estaria de volta, são e safo.

— Devo ganhar mil contos! — annunciara triunfante.

E Zofima Quiteria respondera, numa doce anuencia:

— Vai, Salustio, que eu fico chorando a tua ausencia... e esperando os mil contos.

Rogério, duas camisas e umas peugas dentro da malinha (cuécas não vale a pena falar) — partiu rapido e decidido.

Quiteria quedou-se, entre merencoria, e sonhadora...

* * *

A' noite, por volta das onze e meia, Acurcio, como se estivesse em sua casa, monoculo ainda em riste, despiu o colete branco para o dependurar no cabide, ao lado do casaco, já despido.

Quiteria, um pouco perturbada pelos varios copinhos de escarchado com que se brindara ao chá, olhava langorosamente o fazer de Acurcio, enquanto, de vagar, desfazia a cintura do seu «kimono» de seda roxa com periquitos amarelos.

Nisto, um toque violento de campainha electrica sobressaltou-os. Quiteria, aflita, correu á porta da escada.

— Um telegrama! — gritou, pouco depois, no corredor — é um telegrama!

Acurcio reabotoara, açodado, os suspensorios e esperava atônito.

Então, Quiteria, mais perto da *vailleuse*, cúmplice do seu desatino, nervosamente leu:

SOPEIRA IDEAL



— Será ela faladeira?
— Esteja descansada, póde V. Ex.^a ter os amantes que quizer que ela nada dirá, nem ouvirá, é surda-muda!...

«Marrakech, 3, ás 22.33. — Emissario chefe bandidos Abd-el-Finor leva este telegrama stop cá! prisioneiro mãos inimigos seculares europeus stop. Preciso imediatamente enviareis vinte mil pesetas resgate stop. Como trouxe chave cofre cheques, pedé amigo Acurcio dê esse dinheiro stop. Telegrafa Café Lagostins, Marrakech stop. Teu Rogério.»

Acurcio que, pouco a pouco, abotoara o colete, que apressadamente revestiu, sentia, agora, abundante suor escorrer-lhe pela fonte palida.

— Aqueles marroquinos são tão exagerados! exclamou ele, para exclamar alguma coisa.

Mas em Zófima acordara a recordação amoravel dos bons tempos, e foi com as lagrimas nos olhos que falou a Acurcio, abraçando-lhe o pescoço:

— Salve-o, sr. Acurcio; salve-o, já que me adora!

— Essa agora! respondeu ele, já muito frio — Vinte mil pesetas pelo Salustio, acho forte...

— Forte?... Eles que lhas pedem é porque ele as vale, sr. Acurcio! explicou Zófima, abespinhada. E, num sonho retrospectivo e exageradissimo, revia o seu Rogério, nos seus dias felizes, chelo de bonhomia risonha e até com uma certa elegancia...

Mas Acurcio já de todo perdera o seu ardor lirico e enfiara o casaco.

Agora, chapeu na mão e bengala em punho, declarava, muito convencido:

— O remedio é ir dar parte á policia, sem perda de tempo. Corro a salvá-lo! — e, já na escada: — Apre, vinte mil pesetas por uma aventura destas!...

Zófima, empunhando ainda o telegrama fatidico, atirou-se, soluçando, para cima do leito, que, contra tanto risco, continuava a ser immaculado.

E foi nesta attitude de detensão nervosa que Rogério Salustio Palma a encontrou, quando, escórreito e sorridente, entrou em casa, dez minutos depois da saída de Acurcio, a qual ele, cautelosamente, espreitara duma esquina proxima, a seguir á entrega do telegrama forjado adrede com a colaboração dum camarada dos Correios e Telegrafos.

— Aquele Acurcio é muito sovina! dizia ele, metendo-se na cama, ao lado da consorte.

— E tu, és muito esperto!... — rematou Zófima, enlaçando-o nos seus braços, agora definitivamente conquistados á fidelidade conjugal.

Cirano de Velhoirac.



O que se diz e o que se não deve dizer

O GRANDE CONCERTO DE PARIS

Antes da partida do *team* nacional para França, recebemos uma carta de dois componentes da anunciada *Falangeta de Apoio* que se propunha acompanhar, acariciar e amamentar o onze português — e aparar a relva do *Parc des Princes*.

Assinavam a carta: Antonio Gargantas e José do Incitamento. E nela se dizia deverem denominar-se por títulos inconfundíveis os componentes da Seleção Nacional — concedendo-lhe cognomes apropriados à fogaçidade, estilo e elegancia.

Segue a lista dos títulos, á moda de Espanha:

Roque (El Fenomeno); Carlos Alves (El Penalty Chic); Jorge Vieira (El Cronico); Martinho (El Oportuno); A. Silva (El Sisudo); Cesar (El Impetuoso); Waldemar (El Enigma); Pepe (El Sem-Pavor); Vitor Silva (cortado pela nossa censura); A. Martins (El Precioso); José Manoel (El Brasa).

E eis a segunda lista, á portuguesa: Roquete (O Submarino); Carlos Alves (O Protocolo); Jorge (O Dr. Sabido); Martinho (O Prásjaihas); A. Silva (O Recarga); Cesar (O Mestre Escama); Waldemar (O Adamastor); Pepe (O Mala-Mouros); Vitor Silva (cortado pela nossa censura); A. Martins (O Passador); José Manoel (O Enventusado).

* * *

O Portugal-França não foi um *match* de *foot-ball*, foi um concerto. O desafio pode descrever-se como segue:

Entram os portugueses. A musica toca a Portuguesa.

Entram os franceses. A musica toca a Marselhesa.

Os nossos marcam um *goal*. Toca a Portuguesa.

Os franceses empatam. Toca a Marselhesa.

Intervalo. Toca... a descansar...

Segunda parte. Os franceses tocam a pavana aos nossos.

O ataque português: — toca a escorregar...

O arbitro assobia.

O publico berra em côro.

Acaba o desafio, 1 a 1. A musica toca a... *Internacional*.

* * *

Segundo se depreende da leitura dos engraçadissimos relatos dos *colossos*, o inicio do *match* deve ter sido uma coisa muito divertida, e pouco mais ou menos neste estilo:

— Chovia. A herva ficou escorregadia. Um jogador caia — e o publico ria.

Depois, diz *Os Sports* que os nossos se aclimataram | | | | |

Esta fleira de *pontos de interrogação* ainda não é sufficiente. Porque a *aclimação* é, indiscutivelmente, a melhor piada da epoca.

* * *

No domingo houve *box* na praça de touros do Campo Pequeno. Ou, pelo menos, deveria ter havido...

Num dos *matchs*, entre um hungaro e um português, um espectador teve o seguinte comentario:

— O hungaro já viu combates de *box*. Mas o português — nem isso...!



Uma avançada intermeza no Parc aux Princes —

PORTUGAL — FRANÇA (A FRANÇA EMPATOU COM O FISICO)



Um aspecto dum corp-a-perna do desafio. Afinal a França é que empatou o jogo como se vê na fotografia acima

(*croquis, enviado pela T. S. F.)

Era um rapaz de 16 anos.
...Pálido, anémico, adoentado...
...Rico, celibatario e consciencioso...
...E indeciso...

...E um pouco parvo.
Um dia, o medico disse-lhe:
— *Precisa praticar um desporto!*
Então, o rapaz pálido procurou obter uma lista de todos os desportos. E obteve-a.

Ficou assustado com o numero dor existentes.
Mas, corajosamente, decidiu escolher...

Por nada deste mundo seria capaz de desobedecer ao seu medico...
O rapaz pálido foi a todos os terrenos de jogos, a todos os estádios...

O *foot-ball* pareceu-lhe complicado.
O *rugby*: brutal.
O *basket-ball*: sem interesse.
O *ciclismo*: fatigante.
O *hockey*: enjoou-o.
O *box*: horrorizou-o.

O rapaz pálido continuou a frequentar os estádios e os terrenos de jogos.
Os anos passaram... Fez 20 anos.
E não se decidia...

O *tennis* pareceu-lhe *chic* demais.
O *polo*: perigoso.
A *esgrima*: ridicula.
A *natação*: burlesca.
A *ginastica*: fastidiosa.
A *luta*: extenuante.

O rapaz pálido continuou a frequentar os estádios e os terrenos de jogos.
Os anos passaram... Fez 30 anos.
E não se decidia...

Os pesos e alteres não lhe agradaram...

...Nem o automobilismo, nem as motos, nem a aviação...

...Nem a pesca, a caça e o alpinismo...

...Nem os patins, nem a pelota vasconça...

...Nem a corrida a pé, nem os saltos, nem os lançamentos...

...Nem mesmo o *yacting*, nem a equitação.

O rapaz rico foi á America.
Os anos passaram... Fez 50 anos.
E não se decidia...

O *rugby* americano desgostou-o.
O *base-ball* fê-lo sorrir.

O rapaz celibatario deu a volta ao Mundo.

Fez 70 anos. E não se decidia...
Nem a jogar o bilhar. Nem mesmo a *bisca* sueca.

Fez 80 anos. E decidiu-se. Na sua lista tinha omitido um desporto: a *marcha*.

E quiz marchar.
No proprio dia em que este homem pálido, celibatario, consciencioso, indeciso e um pouco parvo pretendeu realizar o seu primeiro treino — marchou para o Outro Mundo!...

Carlos Sergio.

Séries grandes
só o PINA se vende
75 - Rua de S. Paulo - 77



—V. Ex.ª não está arrependida de ter partido uma sombrinha na cara de seu marido?

—Se estou, sr. juiz... uma sombrinha nova, que ele me tinha dado...



—O que é patrimonio?

—O que herdamos do nosso pai.

—E matrimonio?

—O que herdamos da nossa mãe.



— Meu Adãozinho não entres, espera um pouco, acabei agora de comer uma maçã e estou a tomar um banho...



— Não compreendo como aqueles diabos se aguentam lá por cima. Pois eu vou com tanto cuidado e não sou capaz de evitar as quedas..



— Aqui não, minha filha, porque nós não falamos ingles.



—V. Ex.ª pode fiar-me um telegrama?

— Não senhor, isto aqui é telegrafia sem fios.